

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n32.02>

A bolsa ou a vida: os discursos de enfrentamento à Covid-19 no Brasil

The bag or life: discourses to confront Covid-19 in Brazil

Samuel Cavalcante da Silva*

Kátia Menezes de Sousa**

Resumo: O objetivo central deste artigo é problematizar os mecanismos biopolíticos de poder que dão possibilidade de existência a enunciados que, ao produzirem um dualismo entre a manutenção da economia e a preservação da vida, constituem o acontecimento discursivo da pandemia no Brasil e as técnicas de condução das condutas da população. Diante disso, a análise segue o caminho teórico-metodológico da análise de discursos na acepção de Michel Foucault e coloca, em um tensionamento, os discursos que sustentam, independentemente das vidas perdidas, a defesa da economia neoliberal, que prescreve o empreendedorismo como a saída da crise resultante da pandemia da covid-19 e, ao mesmo tempo, captura a subjetividade do trabalhador para que este assuma a conduta do ideal neoliberal do “sujeito empresa”.

Palavras-chave: Pandemia. Michel Foucault. Vida. Economia de Mercado. Subjetividade.

Abstract: This article aims to discuss the biopolitical mechanisms of power that provide conditions for the existence of statements that, by producing a dualism between the maintenance of the economy and the preservation of life, constitute the discursive event of the pandemic in Brazil and the techniques for conducting the behaviors of the population. Therefore, the analysis follows the theoretical-methodological path of discourse analysis in the sense of Michel Foucault and puts, in tension, the discourses that support, regardless of lost lives, the defense of the neoliberal economy that prescribes entrepreneurship as the way out of crisis resulting from the covid-19 and, at the same time, captures the subjectivity of the worker so that he assumes the conduct of the neoliberal ideal of the “business subject”.

Keywords: Pandemic. Michel Foucault. Life. Market Economy. Subjectivity.

* Universidade Federal de Goiás (UFG)/Universidade Federal de Catalão (UFCA) em transição).

** Universidade Federal de Goiás (UFG).

Introdução

Entramos em 2021 com a notícia do aumento de casos e de mortes causadas pela Covid-19 no Brasil e no mundo e com o anúncio do fim do auxílio emergencial concedido pelo governo federal brasileiro aos trabalhadores de baixa renda. Tal panorama aumenta o desespero dos trabalhadores, entre os quais muitos se depararam, desde o início da pandemia, com a diminuição de sua renda, quando não experienciaram a triste realidade do desemprego, além do risco de perder a vida diante de um vírus mortal e da tristeza pela morte de familiares e amigos.

Em meio a todo esse cenário desolador, instaurou-se, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, a necessidade de os governos criarem mecanismos para conter a pandemia com o mínimo de perdas em relação à economia. Já que a crise econômica era inevitável diante do avanço do vírus e com a necessidade de seguir os planos de segurança sanitária, que incluíam distanciamento e isolamento social, o que afetaria as relações de consumo e, com isso, a economia como um todo, poucos setores não foram afetados e muitos empregos foram perdidos.

Muitos discursos sobre economia e trabalho apareceram numa relação dualística com a saúde da população, buscando dar mais importância ao perigo do desemprego e da crise econômica do que à crise sanitária. Alguns desses enunciados nos chamaram a atenção nesse embate que propomos analisar no presente texto. O primeiro grupo de enunciados que propomos analisar está diretamente relacionado ao discurso político, e o segundo, ao discurso midiático.

Dois enunciados ditos pelo presidente Jair Bolsonaro ainda no início da pandemia marcam o primeiro acontecimento discursivo e sustentam sua existência ainda hoje: 1. “Se o Brasil parar, vai ser um caos. Vai morrer muito mais gente fruto de uma economia que

não anda do que do próprio coronavírus”, pronunciado em conversa com apoiadores e a imprensa em 17/03/2020³; e 2. “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha, de um resfriadinho”,⁴ produzido durante o pronunciamento em rede nacional de rádio e TV em 24/03/2020. Outros discursos políticos também foram considerados em nossas análises, mas o ponto de partida se dará com base nos dois enunciados citados.

O segundo grupo de enunciados diz respeito à divulgação pela mídia de “exemplos de sucesso” durante a pandemia de Covid-19. Escolhemos dois relatos divulgados no site *VAE-Vamos Atender o Empreendedorismo*, vinculado ao Portal G1, que apresentam a história de duas pessoas que, por causa do empreendedorismo, alcançaram sucesso mesmo diante da crise causada pelo coronavírus. O primeiro relato tem o seguinte título: 3. “Demitido, Diêgo ativa empreendedorismo e lança estúdio de marcenaria para pets. Em plena pandemia, designer de produtos abriu o Urso Estúdio, com vendas totalmente online, e já colhe os primeiros resultados positivos”. E o segundo: 4. “A história da ex-cortadora de cana que fundou o maior site de joias contemporâneas do Brasil”. Para análise, relacionaremos, a esses, outros enunciados publicados nos relatos. Por hora, aqui apresentamos apenas os títulos conforme mostra o site.

Nosso objetivo é analisar os mecanismos de poder que atuam na possibilidade de existência de tais acontecimentos discursivos e nas técnicas de conduzir condutas da população. Para tanto, escolhemos o caminho teórico-metodológico da Análise do Discurso Foucaultiana.

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimasnoticias/2020/03/17/bolsonaro-compara-novo-coronavirus-a-gravidez-uma-hora-ia-chegar-ao-pais.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_Dyb-XaAE. Acesso em: 20 jan. 2021.

Foucault é o filósofo das práticas e, para ele, o sujeito é determinado pelo discurso por meio de práticas de subjetivação. Não é o poder em si sua preocupação, mas como ele é exercido. Sendo assim, a problematização em torno dos discursos se realiza no seguinte sentido: “a que se deve obedecer, a que coação estamos submetidos, como, de um discurso a outro, de um modelo a outro, se produzem efeitos de poder?” (FOUCAULT, 2015, p. 221-222). Portanto, é preciso investigar os mecanismos de poder que visam capturar os sujeitos, analisando as práticas discursivas que têm por objetivo a condução da conduta dos homens por meio de enunciados sobre trabalho e economia produzidos durante a pandemia de Covid-19 para, a partir do movimento desses enunciados, entrever os discursos que entram na produção dos efeitos de verdade que colocarão a preservação da vida como opositora ao crescimento econômico do país.

Foucault e o pensamento neoliberal

Em seus cursos no Collège de France: *Segurança, território e população (1977/1978)* e *Nascimento da biopolítica (1978/1979)*, Michel Foucault (2008, 2010) desenvolve formulações importantes sobre o conceito de governamentalidade relacionada à racionalidade neoliberal. As investigações que o filósofo faz sobre essa forma de exercício de poder e suas práticas aplicadas no cotidiano tornam-se de fundamental importância para o desenvolvimento da presente análise.

Para Foucault (2008), a governamentalidade encarrega-se de conduzir os homens, cumprindo um papel que era exercido pelo poder pastoral, constituindo-se por um exercício que não se centrará mais somente na conduta dos indivíduos, conduzindo-os à salvação eterna, mas na conduta da população, com o objetivo de conduzi-la na vida cotidiana, no aqui e agora. A governamentalidade atua gerenciando as ações dos homens em relação ao seu bem-estar, segurança, proteção,

saúde, emprego e renda etc. Ou seja, a governamentalidade, tal como a pastoral cristã, se apresenta como aquela que cuida e guia pelo “caminho certo”.

Diferentemente do poder soberano e da pastoral cristã, a governamentalidade busca gerir a população e não mais impor normas aos indivíduos e, nessa gestão, nas palavras de Foucault (2008, p. 474), “vai ser preciso manipular, vai ser preciso suscitar, vai ser preciso facilitar, vai ser preciso deixar fazer, vai ser preciso, em outras palavras, gerir e não mais regulamentar”.

Dito isso, precisamos retomar o conceito de biopoder desenvolvido por Foucault, no qual se unem duas estratégias de poder, uma individualizante, o poder disciplinar, e outra totalizadora, a biopolítica. O biopoder constitui-se em uma “tecnologia do poder sobre a ‘população’ enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de ‘fazer viver’” (FOUCAULT, 2005, p. 294). Essa técnica geral de poder funciona a partir do princípio do “[...] direito de fazer viver e de deixar morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 287), diferentemente do poder soberano, que tinha como premissa o direito de “fazer morrer e deixar viver”. Sendo assim, o biopoder trabalha com a totalidade da vida humana: saúde, bem-estar, educação, trabalho, renda, assegurando vida àqueles que merecem viver e permitindo que vidas “perigosas” pereçam.

Podemos então dizer que a governamentalidade, enquanto exercício do biopoder, trabalha unindo as características da disciplina e da biopolítica para ampliar ou garantir a docilidade e utilidade, seja do indivíduo ou da população, sequestrando ou produzindo subjetividades que lhe sejam úteis. Se por um lado o poder disciplinar utiliza-se do dispositivo da disciplina para o controle dos corpos, por outro, a biopolítica, para se efetivar como exercício de poder sobre a população, utiliza-se de um instrumento técnico denominado por

Foucault como *dispositivo de segurança*. Sobre isso, Sousa (2017, p. 135) corrobora:

Enquanto a disciplina procura corrigir a menor infração, o dispositivo de segurança garante um nível indispensável de deixar fazer, tomando algumas infrações como processos necessários, inevitáveis, naturais. A segurança, sem proibir nem prescrever, mas adotando alguns procedimentos de proibição e de prescrição, tem por função responder a uma realidade, de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde.

O saber estatístico passa a ter grande importância para a biopolítica, pois suas análises sobre riscos, perigos, crises sanitárias, desemprego, entre outros conhecimentos sobre a população, atuam como mecanismos do dispositivo de segurança, produzindo medo, que leva à obediência. Nessa perspectiva, o dispositivo de segurança funciona

[...] como uma tecnologia de exercício de poder que possui uma dupla interface. Funciona tanto para ampliar os saberes sobre aquilo que se governa, pode-se citar, neste sentido, o uso das estatísticas como instrumentos técnicos que colhem saberes sobre os agregados de riqueza dos Estados; quanto sobre a inscrição do mando do soberano nos corpos dos governados, neste sentido, pode-se elencar os vários instrumentos tecnológicos que começaram a fazer parte do cotidiano das populações quando do início deste tipo de governo, os censos populacionais, as campanhas de vacinação, as interferências na arquitetura das cidades [...] (AMBRÓZIO, 2019, p. 58-59).

A economia política, na governamentalidade, passa a ser a principal forma de saber e, com isso, a principal produtora de verdades. Como produtora de verdades, é ela que passa a gerir a população. E essa população, gerenciada pela economia, “aparece tanto como objeto, isto é, aquilo sobre o que, para o que são dirigidos os mecanismos para obter sobre ela certo efeito, [quanto como] sujeito, já que é a ela que se pede para se comportar deste ou daquele jeito” (FOUCAULT, 2008, p. 56). Portanto, o governo não é uma instituição,

mas uma atividade, um exercício de poder, que, em um sentido amplo, desenvolve técnicas e utiliza-se de procedimentos para conduzir a conduta da população (DARDOT; LAVAL, 2016).

Vale destacar que a ação da biopolítica é feita de forma muito sutil. Ao trabalhar de forma sutil, procura produzir, nos indivíduos, o autogoverno, numa relação de si para consigo mesmo. Por isso, atua mostrando à população que é ela que precisa e necessita de determinadas ações. É um exercício de poder que visa motivar e encorajar, ao invés de impor e determinar. Esse exercício de poder foi possibilitado com o alvorecer do Liberalismo no século XVIII, que tem como uma de suas características intrínsecas a cultura do medo, o que oportunizou o uso de intervenções na população por meio dos dispositivos de segurança.

Por esta via do autogoverno, a questão da liberdade é apresentada como central na governamentalidade, pois, tanto no Liberalismo como no neoliberalismo, no presente, o sujeito é “livre” para fazer suas escolhas, se der certo é porque fez por merecer; por outro lado, se der errado é porque não se esforçou o bastante, o que acarreta uma eterna culpabilização do sujeito.

O conceito de neoliberalismo é definido por Dardot e Laval (2016, p. 17, grifos dos autores) como:

[...] a *razão do capitalismo contemporâneo*, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.

Em termos foucaultianos, no neoliberalismo, o princípio regulador da sociedade são os mecanismos de concorrência. Logo, “são esses mecanismos que devem ter a maior superfície e espessura possíveis, que devem também ocupar o maior volume possível na sociedade”

(FOUCAULT, 2010, p. 191). Isso implica dizer que a sociedade neoliberal não é tanto sujeita à lógica da troca de mercadorias (supermercado), mas muito mais à dinâmica concorrencial (empresa). O *homo economicus*, que era visto como o “homem da troca”, do consumo, passa a ser o “homem da empresa”, da produção, um empreendedor de si mesmo. Ou seja, a forma empresa passa a ser o princípio regulador de toda a sociedade e é difundida por todos os lados, como afirma Foucault (2010, p. 193, grifos do autor): “é esta multiplicação da forma <empresa> no interior do corpo social que constitui, a meu ver, a questão política neoliberal. Trata-se de fazer do mercado, da concorrência e, por conseguinte, da empresa aquilo a que se poderia chamar o poder formador da sociedade”.

Nesse sentido, a sociedade neoliberal estabelece como norma de conduta a concorrência, e a empresa como modelo de subjetividade (DARDOT, LAVAL, 2016). É a partir desse comando de competição que o sujeito deverá constituir seus princípios morais e suas ações, ou seja, a sua própria vida (biopolítica). Portanto, o empresariamento da vida determinará o modo de ser e agir dos indivíduos e da população, numa espécie de emolduramento ao “sujeito empresa”.

Essa forma de exercício de poder relacionada à racionalidade econômica do neoliberalismo e que sustenta um modo de vida neoliberal apresenta uma nova visão sobre o trabalhador, a de capital humano. Segundo Foucault (2010, p. 284-285), “o capital assim definido como aquilo que possibilita um rendimento futuro, o rendimento que é o salário, é um capital praticamente indissociável de quem o detém”. Por conseguinte, o salário deixa de ser visto como o preço pago pela força de trabalho e torna-se rendimento. Se o rendimento é a receita de um capital, e o capital é tudo que pode, de certa forma, gerar rendimentos, o trabalho, então, é o capital do trabalhador para lhe gerar rendimentos, o salário. Nessa lógica, quanto mais ou melhor

for o capital, melhor será o rendimento, transformando o trabalhador numa espécie de empresa.

Não é uma concepção de força de trabalho, é uma concepção do capital-competência que recebe, em função de diversas variáveis, um determinado rendimento que é um salário, um rendimento-salário, de uma forma que é o próprio trabalhador que surge como sendo para si mesmo uma espécie de empresa (FOUCAULT, 2010, p. 285).

O trabalhador precisa, portanto, desenvolver aptidões e aprimorar suas competências para manter-se no mercado, já que está envolto em uma relação concorrencial e de competição, em que é preciso ser o melhor. Nessa direção, precisamos observar a composição desse capital humano na perspectiva neoliberal, já que ele integra elementos inatos e elementos adquiridos. Os elementos adquiridos por esse capital humano, ou por esse empresário de si, vão além da aprendizagem profissional ou escolar. É preciso, além das competências para realizar determinada atividade profissional, ocupar-se da aparência, manter uma boa forma física, cuidando da saúde, adotando uma alimentação saudável, desenvolvendo bons hábitos, como não beber, não fumar, exercitar-se etc. Ou seja, há toda uma biopolítica que envolve esses elementos que devem ser adquiridos pelo capital humano para garantir rendimento.

[...] a competência do trabalhador é, de facto, uma máquina, mas é uma máquina que não pode ser separada do próprio trabalhador, [...] é, de certa maneira, a faceta pela qual o trabalhador é uma máquina, mas uma máquina entendida no sentido positivo, já que é uma máquina que vai produzir fluxos de rendimentos (FOUCAULT, 2010, p. 285).

Nesse aspecto, a máquina-competência humana, assim como as demais máquinas na empresa, precisa de manutenção, aperfeiçoamento, atualização, ao mesmo tempo que tem prazo de validade. Esse modelo do capital humano, ou máquina-competência, transforma o trabalhador em uma empresa de si. O princípio empresa

exige desse trabalhador um controle disciplinado de si mesmo, empreendendo a si mesmo, não só no horário de expediente, mas em todas as suas atividades. A empresa passa a ser uma atitude cotidiana da vida. Ser empreendedor implica cuidar constantemente para ser eficaz, envolvido e em constante aperfeiçoamento, sempre buscando falha zero.

Nesse comando de competição, o trabalhador é moldado a suportar condições que são cada vez mais duras. Há insegurança nas novas formas de gestão que transformam as novas formas de emprego em mais precárias, mais temporais, facilitando a demissão e depositando sobre o trabalhador todos os riscos. Nessa perspectiva, o neoliberalismo promove

[...] uma “reação em cadeia”, produzindo “sujeitos empreendedores” que, por sua vez, reproduzirão, ampliarão e reforçarão as relações de competição entre eles, o que exigirá, segundo a lógica do processo autorrealizador, que eles se adaptem subjetivamente às condições cada vez mais duras que eles mesmos produziram (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 17).

Na nova governamentalidade neoliberal, as leis trabalhistas são modificadas para permitir novas relações de trabalho que jogam os riscos para o trabalhador, ao mesmo tempo que exigem maior produtividade, a qual não precisa ser cobrada ou exigida pelo patrão, pois, na nova racionalidade, a produtividade é autocobrada pelo empreendedor de si, ele é seu próprio patrão, é sua própria empresa, logo, a produtividade depende dele. Por essa aceção, “a grande inovação da tecnologia neoliberal é vincular diretamente a maneira como um homem ‘é governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 332-333).

Com a pandemia de Covid-19 no Brasil, observamos um oportunismo, típico da governamentalidade neoliberal, em promover discursos que exaltem seus ideais, especialmente do “homem

empresa”, buscando, inclusive, apontá-lo como solução para a crise econômica desencadeada pela crise sanitária e de saúde, disseminando a ideia de que o empreendedor de si não depende de ninguém para se manter, porque ele pode transformar toda e qualquer situação em oportunidade.

Na mídia brasileira são apresentados casos isolados como exemplos de pessoas que se esforçaram e conseguiram driblar as perdas financeiras pelo empreendedorismo. Os exemplos sugerem que há saída para a crise por meio do empreendedorismo e, de certa forma, culpam os desolados pela sua situação, em uma tentativa de fortalecer o ideal neoliberal do “homem empresa”.

O imaginário de sucesso, promovido pelo neoliberalismo que prometia felicidade a todos que se esforçassem, foi fortemente abalado pela pandemia, como pontua Laval (2020, p. 282): “Isso vai muito além da crise econômica que se anuncia e de suas terríveis consequências sociais. Com a pandemia, estamos lidando com uma aceleração da crise de esperança”. Essa falta de esperança produziu na população medo e desespero. Se por um lado havia o perigo de ser contaminado por um vírus mortal, por outro desenvolveu-se desespero pela possibilidade de não ter como se sustentar.

Cabe aqui ressaltar que a governamentalidade neoliberal utiliza-se da cultura do medo, do perigo, por meio de dispositivos de segurança para fortalecer e convencer dos seus ideais. Portanto, mesmo havendo um abalo nas estruturas do imaginário neoliberal de sucesso, a situação de medo e perigo provocado pela pandemia é utilizada pelo neoliberalismo para capturar os sujeitos e, assim, captar empreendedores de si.

A pandemia de Covid-19 e o perigo da crise econômica

Vimos surgir, durante os primeiros meses da pandemia no Brasil, outras formas de trabalho e subsistência incentivadas e promovidas pela racionalidade neoliberal, que tem como princípio o empreendedorismo de si. Em termos de trabalho formal, tivemos, entre os meses de março e setembro de 2020, 985.890⁵ novos cadastrados no MEI – Microempreendedor Individual, o que corresponde a um aumento de 11,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, ultrapassando a marca de 10 milhões de cadastros no país. Além desses, ainda temos os trabalhos informais, os quais incluem os entregadores de aplicativos,⁶ pessoas que começaram a costurar máscaras ou fazer marmitta para vender.

O desespero levou esses trabalhadores a buscarem outras formas de sustento e subsistência, diante do perigo iminente de ficar sem renda. A racionalidade neoliberal chama essa busca de *empreendedorismo* e vai utilizar de exemplos de “sucesso” com intuito de produzir esperança em meio ao caos, numa tentativa de apresentar a “forma empresa” como o caminho para o trabalhador alcançar o sucesso, pois só dependerá dele e não da bondade de governos com seu assistencialismo ou de patrões e empregadores. O empresário de si mesmo faz seu horário e estipula seu ganho a partir do seu trabalho. Podemos dizer que o incentivo para “empreender” é utilizado como um mecanismo de segurança durante a pandemia de Covid-19.

A racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328).

⁵ Informações divulgadas no site da CNN Brasil a partir de dados do MEI. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/09/20/brasil-registra-aumento-de-meis-na-pandemia>. Acesso em: 11 jan. 2021.

⁶ Até a data da escrita deste texto, não encontramos as informações oficiais sobre aumento dos trabalhadores informais durante a pandemia.

Sendo assim, empreender é a solução diante da crise instaurada pela pandemia, mas a responsabilidade por eventual fracasso é do empreendedor e, mesmo diante de uma situação tão adversa, é obrigação dele fazer dar certo, tornando-se assim merecedor do seu sucesso, como veremos nos exemplos divulgados pela mídia, na próxima seção.

Quando a pandemia de Covid-19 foi decretada pela OMS no início de 2020 e, no Brasil, em março do mesmo ano, os governos das nações do mundo, bem como os estados e municípios brasileiros, não estavam preparados, não havia testes suficientes para testar a população, nem leitos adequados ou adaptados para receber os casos graves e salvar vidas. A esse despreparo juntou-se a negação da gravidade da doença e o negacionismo da própria ciência. O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, chegou a chamar o vírus mortal de “gripezinha” e instaurou um dualismo entre saúde e economia. Em conversa com apoiadores e à imprensa no dia 17/03/2020, dias após a confirmação dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil, fez a seguinte declaração: 1. “Se o Brasil parar, vai ser um caos. Vai morrer muito mais gente fruto de uma economia que não anda do que do próprio coronavírus”.

Esse discurso do presidente, ainda no início da pandemia, instaura uma prática divisora que irá perdurar até os dias de hoje: o medo da morte pelo coronavírus ou o medo de morrer de fome pela quebra da economia. Com isso, ele institui uma regulação do medo na população pelo viés econômico e, mesmo sem utilizar de estatísticas, aciona o dispositivo de segurança para controle social. Quando o líder da nação defende a economia, ele também apresenta sua posição sobre a vida, o que vai ser reafirmado em vários pronunciamentos feitos durante todo esse tempo de pandemia.

Aqui é importante retomar que as técnicas da biopolítica buscam garantir a vida e, para isso, utilizam-se do medo da morte. O anúncio do perigo iminente do caos econômico, e com ele o desemprego em massa, propõe, de certa forma, produzir pânico na população, justificando o porquê de sua escolha pela economia, numa clara demonstração de que o “deixar morrer” é mais importante que o “fazer viver”. Mais ainda, sua fala demonstra que não há interesse, por parte do governo, em conceder algum tipo de auxílio aos que ficarem desempregados, como ocorreu em outros países que já estavam com a pandemia em andamento há mais tempo (o auxílio emergencial acabou sendo aprovado pelo Congresso, sendo suas parcelas encerradas em dezembro de 2020, mesmo com a pandemia em andamento, e retomado em março de 2021 com um valor bem inferior).

O discurso de Bolsonaro, ainda nos primeiros dias do anúncio da entrada do Brasil no cenário pandêmico, retoma, em certa medida, o enunciado pronunciado por Michel Temer, por ocasião de sua posse como presidente em 2016, logo após o golpe que tirou uma presidenta legitimamente eleita: “Não pense em crise, trabalhe!”. Esse enunciado, enquanto acontecimento discursivo, inaugurou no Brasil um novo movimento em busca do empreendedorismo de si e da valorização da “forma empresa” na constituição da subjetividade, já que alguns acontecimentos, relacionados ao trabalho e ao trabalhador, irão se suceder antes da própria pandemia, como mudanças nas legislações trabalhistas, tais como: do MEI – Microempreendedor Individual, da terceirização, da previdência social e a própria CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

Diante de uma crise na saúde pública em termos mundiais, o chefe da nação anuncia claramente que a preocupação deve ser com a economia: “Vai morrer muito mais gente fruto de uma economia que não anda do que do próprio coronavírus”. Poderíamos dizer de

outra forma essa frase, retomando o discurso anunciado quatro anos antes, por Temer: “Não pense em coronavírus, trabalhe!”. É a forma empresa sendo invocada e proclamada, numa espécie de convocação do presidente.

É importante lembrar que o discurso de “crise econômica” foi utilizado como mecanismo de segurança para influenciar a população a apoiar o *impeachment* da presidenta Dilma. Entretanto, diante de uma crise de saúde sem precedentes, onde vidas estão em jogo, o presidente retoma o discurso da crise econômica e joga para a população a responsabilidade de minimizar suas consequências, produzindo, em certa medida, uma sensação de insegurança em relação à economia e ao emprego do trabalhador.

Essa “sensação de insegurança alimenta o medo, mas o medo garante o funcionamento dos dispositivos de segurança” (SOUSA, 2017, p. 144), e esse medo produzido pela fala do chefe da nação, bem como a falta de políticas públicas para manutenção do emprego e renda, entre outros fatores, levaram as pessoas a buscarem formas alternativas para sua subsistência, formas essas muitas vezes precarizadas e, podemos dizer, desumanas, como é o caso dos entregadores de aplicativos, que têm que “trabalhar com fome carregando comida nas costas”.⁷

Outro enunciado que gostaríamos de destacar foi produzido no pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão feito por Bolsonaro à nação, no dia 24/03/2020, ainda no início da pandemia no Brasil, para defender o não isolamento social e a manutenção do funcionamento do comércio e serviços, menosprezando a gravidade da Covid-19, na contramão da Organização Mundial de Saúde e de autoridades científicas do mundo inteiro. Nesse pronunciamento, o

⁷ Fala de Paulo Lima, entregador de aplicativo, em depoimento disponível no canal YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIBfCSTIOIo>. Acesso em: 21 jan. 2021.

presidente ilustra sua opinião dizendo: 2. “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha, de um resfriadinho”. Bolsonaro faz uma heroicização de si e se coloca como o líder, forte, viril e saudável que não será derrubado por nada, nem mesmo por um vírus (mortal) que, para ele, não passa de uma “gripezinha”. É um discurso egocêntrico e de autoexaltação, típico dos fascistas.

O recorte 2 se relaciona diretamente à noção de capital humano e máquina-competência, vistos anteriormente, na qual o trabalhador, agora empresa de si, precisa manter sua máquina pronta para as atividades que executa. Nesse sentido, ao falar do histórico de atleta, o presidente enuncia que quem investiu em sua saúde, teve uma vida com práticas de exercícios, não fumou, não bebeu em excesso, manteve uma alimentação saudável para não se tornar obeso, hipertenso ou diabético, passará pela pandemia ileso. Ou seja, quem cuidou do seu corpo (máquina), estará preparado para enfrentar a pandemia em curso, por isso não teria com o que se preocupar, pois é merecedor de não sofrer consequências graves da doença, assim como quem não “se cuida” se faz merecedor de enfrentar tais consequências. O capital humano que “se cuida” pode continuar atuando, pois conquistou o mérito para manter seu sustento, num verdadeiro cenário de jogos mortais, cujo lema é: que vivam os “melhores”, os demais, que “deixem morrer”. Com esse discurso, o presidente reafirma o ideal de concorrência e competição como forma de conduta da sociedade neoliberal, só que diante de um caos instaurado por um vírus e que, na verdade, nossa competição deveria ser contra ele.

No enunciado 1 se instaura uma prática divisora que, no enunciado 2, é reafirmada, mas agora por um discurso moralizante. Para o presidente, as pessoas que escolherem o distanciamento social

para preservação de suas vidas, são fracas (“maricas”) e não querem trabalhar, mas viver às custas do governo. Sendo assim, tal discurso em defesa da economia passa a ser uma questão moral, em que se deve trabalhar, mesmo arriscando a vida, porque é o moralmente correto, enquanto os que se isolam são preguiçosos e sem moral. É um discurso moralizante que se apresenta como verdade, mesmo sendo contrário ao que os cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo defendem.

Nenhum dos pronunciamentos do presidente apresenta políticas para manutenção dos empregos, nem há manifestação sobre qualquer tipo de assistência àqueles que perderão seus empregos. Ele responsabiliza a mídia por divulgar o caos e coloca a responsabilidade de enfrentamento da crise econômica nos indivíduos e na população. É preciso lembrar que os pobres foram os mais afetados pela pandemia de Covid-19. Vivendo em favelas, o isolamento para essa população é mais difícil de se realizar. Além disso, não podem escapar da necessidade de se aglomerar no transporte público, na busca de garantir o mínimo para o seu sustento.

Mesmo na contramão da ciência, o discurso de Bolsonaro joga luz sobre a questão da economia e se utiliza de mecanismos do dispositivo de segurança para convencer a população de que é ela que precisa da manutenção da economia, não podendo se isolar em casa, sem trabalhar, para cumprir protocolo de distanciamento social, como proposto pelos cientistas. Utiliza-se, assim, do dispositivo de segurança para conduzir a população a pressionar os governos estaduais e municipais para a volta das atividades econômicas e o fim do distanciamento social e a assumir, dessa forma, uma atitude empreendedora.

Nesse dualismo entre economia e preservação da vida, João Doria, governador de São Paulo, se apresentou como oposição a

Bolsonaro e a favor da preservação da vida. Vejamos parte do seu discurso em uma coletiva de imprensa realizada no dia 03/03/2021⁸:

9min05-11min40: ontem o Brasil registrou 1726 mortes, o pior dia da pandemia em toda a história desde março de 2020. E agora vamos enfrentar as duas piores semanas da pandemia desde o início do primeiro caso de Covid-19 no Brasil. Esta é a triste realidade de um país que é comandado por um negacionista [...]. Como governador de São Paulo tenho e reafirmo aqui o compromisso na defesa da vida, na defesa da saúde, na defesa da ciência. Fico angustiado de ver vidas perdidas a cada dia [...]. Sinto por filhos que vão crescer sem seus pais, avôs que não poderão abraçar seus netos, amigos que se foram, vidas que não voltam mais. Há 41 dias o Brasil tem mais de mil mortes por dia, mil mortes por dia [...]. Nós não podemos imaginar que isso faz parte da normalidade. Isso não é normal! Isso não é usual! Isso não é gripezinha, não é resfriadozinho! Isso é uma tragédia e uma tragédia que pode ser ainda pior se não tomarmos medidas. Nós não podemos banalizar a morte! [...] Esta segunda onda da Covid atinge todo o Brasil e em São Paulo nós perdemos aqui quase 500 pessoas por dia, só ontem foram 468 pessoas mortas [...].

O governador de São Paulo faz um discurso em defesa da vida e da ciência, tentando mostrar que sua escolha é pela vida, na contramão do presidente Bolsonaro. Vale lembrar que Doria é possível candidato à presidência em 2022 e, portanto, Bolsonaro é seu rival. Doria, em sua fala, cobra um olhar com mais responsabilidade diante do momento de pandemia, especialmente por parte do presidente. Apresenta um discurso do coletivo e de humanização ao falar das vidas perdidas e daqueles que não poderão mais abraçar seus familiares e amigos.

Apesar de apresentar um discurso em que coloca a preservação da vida como sua prioridade, João Doria, quando anuncia que o seu Estado entrará para a fase vermelha, que implica uma maior restrição na circulação de pessoas e do funcionamento do comércio em geral, não se mostra tão ágil para determinar as medidas que podem salvar vidas. Vejamos: 14min24-14min36: “Por esses motivos, esses tristes

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IFV7a_mnJGY. Acesso em: 18 jul. 2021.

motivos, nós estamos atendendo a recomendação do centro de contingência e reclassificando todo o estado de São Paulo para a fase vermelha a partir da zero hora do próximo sábado”.

As medidas anunciadas para diminuir a circulação do coronavírus só iniciarão no sábado a zero hora, ou seja, dia 06/03/2021, três dias após esse anúncio. Se São Paulo estava vivenciando um momento tão crítico da pandemia, com o maior número de mortos de todo o período pandêmico, por que esperar ainda 3 dias para efetivar as medidas que irão preservar vidas? E ainda, em seu discurso afirma que “há 41 dias o Brasil tem mais de mil mortes por dia”, com certeza o maior estado da nação contribuiu para esse número trágico, ele mesmo confirma isso quando anuncia que “só ontem 468 pessoas mortas”. Se há 41 dias já se vinha ocorrendo número tão grande de mortes, por que essas medidas não foram tomadas antes?

Embora Doria utilizasse de discurso mais humanizado, tentando apresentar a preservação da vida como prioridade, a manutenção da economia, na prática, ainda é mais importante. Nesse sentido, Doria, assim como Bolsonaro, assume um discurso de defesa da economia, mesmo que vidas estejam em risco.

O que observamos nesses discursos, em especial o do chefe da nação, é que eles emergem vinculados ao discurso da meritocracia, como forma de exaltar o esforço individual e condenar qualquer forma daquilo que os meritocratas chamam de “assistencialismo”, uma vez que “convivemos com a repulsa moral às políticas de inclusão e aos projetos sociais de governo que visam a diminuir as desigualdades sociais” (SOUSA, 2020, p. 39). Sendo assim, a fala do presidente estabelece que o trabalhador deve se esforçar, fazer por merecer seu sustento, discurso típico da governamentalidade neoliberal. Tal discurso do mérito se repete na mídia, como veremos na próxima seção, em que se apresentam casos isolados de “sucesso” de empreendedorismo

em meio à pandemia, visando ao convencimento de uma população fragilizada, de que é com esforço que se vence a batalha, mesmo havendo adversidades ou risco à vida.

“Se a vida lhe der limões, faça uma limonada”

Entre os muitos relatos de empreendedores de sucesso que circulam nas redes sociais e na internet como um todo, escolhemos o site vinculado ao Portal G1 que utiliza o nome VAE,⁹ que é a abreviação da expressão “vamos ativar o empreendedorismo”. É possível encontrar no site várias matérias que apresentam relatos sobre empreendedores de sucesso, dos quais selecionamos dois para nossas análises. Um deles foi veiculado nos intervalos da programação nacional da Rede Globo de Televisão. Nossas escolhas foram pelos relatos que apresentavam histórias de “sucesso” durante a pandemia de Covid-19.

Nos dois relatos escolhidos, o enunciador destaca o poder emancipatório do empreendedorismo, como representação de sucesso, bem como fonte de esperança diante do caos causado pela pandemia. Aqui é importante salientar que, nos dois casos, a pandemia tornou-se oportunidade de sucesso. Há uma naturalização desse poder emancipatório como garantia de mudança de vida para todos aqueles que empreendem. Empreender vira sinônimo de sucesso, realizando um apagamento dos casos malsucedidos, até mesmo porque, segundo a lógica neoliberal, se não foram bem-sucedidos, é porque não se esforçaram o suficiente. São discursos que se apresentam como óbvios e com valor de verdade.

O primeiro caso (Figura 1) é assim apresentado: 3. “Demitido, Diêgo ativa empreendedorismo e lança estúdio de marcenaria para pets. Em plena pandemia, designer de produtos abriu o Urso Estúdio, com vendas totalmente online, e já colhe os primeiros resultados

⁹ Disponíveis em: <https://vae.g1.globo.com>. Acesso em: 27 jan. 2021.

positivos”. Apenas no título e subtítulo da narrativa do primeiro caso, são mobilizados lugares discursivos que demonstram os mecanismos de poder evocados. Primeiro, apresenta que o personagem fora demitido, mas há um apagamento do que o levou à demissão, o que poderia ser por motivos os mais diversos, mas o fato de ser durante a pandemia sinaliza que há um empresário, um empreendedor, que teve que demiti-lo, porque não houve políticas públicas de manutenção do emprego por parte dos governos. Na sequência, fala que ele “ativa o empreendedorismo”, numa relação direta com o “empreendedorismo de si” aclamado pela governamentalidade neoliberal, na qual o personagem torna-se sua própria empresa e assume a posição “sujeito empresa”.

Figura 1: “Vamos ativar o empreendedorismo” –
marcenaria para pets¹⁰



O subtítulo complementa afirmando que foi em “plena pandemia” que “abriu o Urso Estúdio”, tornando-se empresário, e conclui: “e já colhe os primeiros resultados positivos”. O empreendedorismo

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/vae/noticia/2020/10/01/demitido-diego-ativa-empreendedorismo-e-lanca-estudio-de-marcenaria-para-pets.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2022.

de si é apresentado como solução diante do caos pandêmico, e a narrativa é apresentada como exemplo a ser seguido, de alguém que, desempregado, pode “dar a volta por cima”, por suas próprias forças, sem depender de governos e empresas. A meritocracia é evocada, e o ideal neoliberal, segundo o qual cada indivíduo é responsável pelo seu sucesso, é proclamado.

O segundo caso (Figura 2) é apresentado da seguinte forma: 4. “A história da ex-cortadora de cana que fundou o maior site de joias contemporâneas do Brasil”. Esse é um típico caso explorado pelo neoliberalismo para reafirmar que, num mundo de liberdade econômica, todos podem sair de baixo e alcançar o topo. O anúncio informa que se trata de uma “ex-cortadora de cana”, que se tornou proprietária do “maior site de joias contemporâneas”, uma espécie de “comprovação” do ideal neoliberal, portanto, o ideal que deve ser seguido por todos.

Figura 2: “Vamos ativar o empreendedorismo” – site de joias ¹¹



¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/vae/noticia/2020/10/20/a-historia-da-ex-cortadora-de-cana-que-fundou-o-maior-site-de-joias-contemporaneas-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2022.

Os dois relatos possuem um vídeo promocional que conta as histórias de “sucesso”. A primeira é feita por um narrador, a segunda, pela própria Sabrina, a ex-cortadora de cana que vira empresária e narra sua história. Por esse motivo, escolhemos destacar alguns recortes de enunciados do vídeo da segunda narrativa.

O primeiro recorte é a primeira frase no vídeo: “Empreender é maneira de mudar a minha vida e a vida das pessoas que estão ao meu redor”. O empreender é apresentado como o único caminho para a vida, é a solução, e garante que o empreendedor ainda ajude outras pessoas que precisam dele, aqueles que não se esforçaram e não se dedicaram o suficiente. Retoma a ideia de que o melhor empregado é aquele que um dia oferece emprego, porque sempre foi um empresário de si, até mesmo quando era funcionário de alguém. É por isso que deixa de ser empregado e vira patrão, sugere o enunciado.

“E as empresas que já estavam na internet, elas aproveitaram ainda mais o boom da pandemia, então as nossas vendas agora no período da pandemia elas cresceram”. Esse recorte apresenta a pandemia como uma oportunidade de negócio, como se não existisse um vírus mortal que estivesse matando pessoas, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. O empreendedor precisa obedecer ao mando: “Não pense em crise, trabalhe!”; “Não pense em coronavírus, trabalhe!”; “Não pense em morte, trabalhe!”. É importante ressaltar que não é o discurso da Sabrina, mas é a reprodução de um discurso cristalizado pela governamentalidade neoliberal, sobre o “sujeito empresa” e o capital humano.

Por último, destacamos o enunciado: “hoje eu utilizo a internet também para poder motivar outras pessoas. Porque se eu consegui elas também conseguem. [...] Para ajudar outras pessoas para que elas tenham sucesso assim como eu tive, porque se eu consegui, outros empreendedores também conseguem”. No mundo neoliberal,

esse é o ideal do chamado a empreender, o empreendedor de sucesso que ensina outros a terem sucesso, quase uma religião em que precisa levar o máximo de “perdidos” à salvação, numa clara condução das condutas. “Se eu consegui outros empreendedores também conseguem”, tal expressão ativa o princípio moral neoliberal de que cada indivíduo tem condições para chegar ao sucesso, basta se esforçar, pois, se uma cortadora de cana conseguiu, todos conseguirão. Nesse contexto, observamos um apagamento de todas as questões sociais e históricas que levam às desigualdades sociais em nosso país e a culpabilização daqueles que não “alcançaram” o sucesso.

Ambos os relatos pretendem confirmar a ideia de que as desigualdades sociais são fruto de uma escolha individual, basta fazer por si, lutar, ter coragem, enfrentar as dificuldades, mesmo que se encontre diante de um vírus mortal e de vulnerabilidade social, será possível obter sucesso. Os limites impostos pela origem social são apresentados como desafios a serem superados, justificam os problemas sociais a partir da escolha individual.

O desempregado que se torna empreendedor durante a pandemia e a ex-cortadora de cana que vira dona do maior site de joias contemporâneas do Brasil, e tem seus lucros ampliados durante a pandemia, são apresentados como heróis que, por si só, mudaram seu destino e, por isso, são exemplos que devem ser seguidos.

É importante refletir sobre algumas questões: Por que o sucesso de tais pessoas se torna notícia? Se empreender garante o sucesso, e há tantos empreendedores pelo Brasil, por que tais histórias específicas tomam lugar na mídia?

Queremos ressaltar, antes de caminharmos para o final deste artigo, que não é nosso objetivo desmerecer as personagens apresentadas nos relatos acima, o Diêgo e a Sabrina, mas, justamente, colocar luz

sobre os mecanismos de poder que tais relatos trazem em seu bojo, que visam estender e generalizar um discurso de sucesso a todos que se esforçarem, fazendo um apagamento de toda a problemática social historicamente constituída e que bloqueia o acesso da grande maioria. Para isso, utilizam-se “exemplos” de sucesso para tornar como norma o que é exceção e, assim, justificar a falta de políticas públicas que diminuam as desigualdades.

Considerações finais

Os enunciados que problematizamos no presente artigo entram na construção do acontecimento discursivo da pandemia e minimizam sua gravidade. Além disso, criam uma falsa dicotomia entre a vida e a economia. Os dois primeiros enunciados, pronunciados pelo presidente Jair Bolsonaro, por um lado, negam a gravidade da pandemia e, por outro, ativam um comando, por meio do dispositivo de segurança, à população, para que as pessoas trabalhem, apesar do risco de perderem a vida, pois há maior risco de perda de vida com o desemprego, que pode levá-las a morrer de fome, se a economia for “destruída”.

Os últimos enunciados analisados reforçam a ideia de resiliência que entra na caracterização da pandemia enquanto acontecimento discursivo, e a mídia trabalha na tentativa de produzir esperança e uma falsa paz em meio ao caos, defendendo a tese neoliberal de que é empreendendo que se vencerá, inclusive a crise que pode levar à morte. Apresenta exemplos de empreendedores que foram bem-sucedidos e, por meio de um discurso que produz comoção e estímulo, fortalece o ideal da subjetividade propagada pelo neoliberalismo, a de “sujeito empresa”.

Nesse sentido, é imprescindível que a população encontre apoio para que inicie uma reflexão sobre o crime que a nação comete ao

condenar trabalhadores e trabalhadoras a escolherem entre a exposição a um vírus mortal ou a possibilidade de morrerem de fome. Joga-se a responsabilidade para cada indivíduo trabalhador ou desempregado, com uma clara culpabilização, seja porque eles não mantêm um padrão de vida saudável (biopoder) que os faria passar “ilesos” pela pandemia (tese que já foi desfeita, uma vez que pessoas “saudáveis” também experienciaram as formas graves da Covid-19), seja porque não são pessoas empreendedoras, já que a atitude de empreender é apresentada como a possibilidade de vencer as dificuldades de renda e emprego causadas pela pandemia.

Desde o início da pandemia, os brasileiros foram colocados num debate capcioso entre a economia e a saúde, onde se viram diante da escolha de se conduzirem a favor ou contra o isolamento e o distanciamento social ou, ainda, o uso de máscara, mas sem que a adoção dessas práticas lhes fosse apresentada como possibilidade de produção de uma imunidade coletiva capaz de poupar mais vidas, como pôde ser visto em outros países, e fosse acompanhada da intervenção do governo na administração das consequências econômicas advindas da escolha pela vida. Para os trabalhadores brasileiros, sob o comando do governo e do mercado, a questão é apenas sobre a necessária reabertura do comércio e retomada da atividade econômica. Já o governo, cujo chefe se diz inatingível pelo seu histórico saudável, a escolha é pela bolsa, porque a vida que ele perderia seria sempre a vida dos outros. Como demonstrou Foucault (2005, p. 305), o biopoder fragmenta e faz cesuras de tipo biológico no interior da população, pois dissemina discursos e práticas para convencê-la de que “a morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte [...] da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia”.

Referências

AMBRÓZIO, Aldo. Desapropriar-se do eu. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (Orgs.). *Neoliberalismo, feminismo e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 50-64.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Trad. de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. Poder e saber (1977). In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 218-235.

LAVAL, Christian. A pandemia de Covid-19 e a falência dos imaginários dominantes. Tradução Elton Corbanezi. *Mediações*, Londrina, v. 25, n. 2, p. 277-286, maio-ago. 2020. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n2p277>.

SOUSA, Katia Menezes de. Dispositivos de poder Foucault: práticas e discursos da atualidade. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. 2. ed. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017. p. 125-150.

SOUSA, Katia Menezes de. Biopolítica, discurso e controle da população pobre. *Revista Moara/Estudos Linguísticos*. Edição 57, v. 1, ago.-dez. 2020. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9506>.

Recebido em: 11/10/2021
Aprovado em: 28/02/2022